

Os tambores do Japão

Kodo, grupo japonês de percussão, traz ao Brasil a batida da mãe-natureza

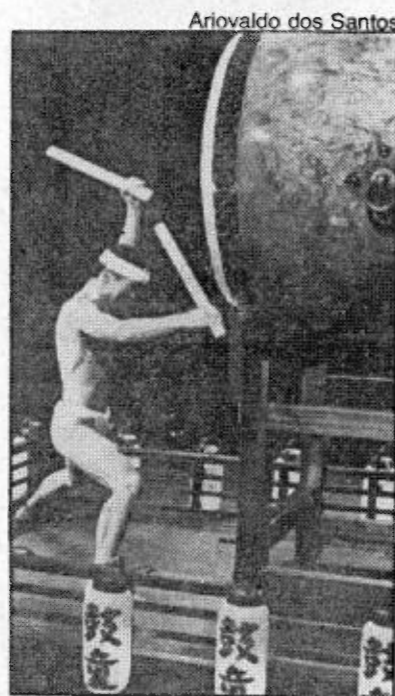
Lina de Albuquerque

SÃO PAULO — Diz-se que, no passado, os limites de cada aldeia japonesa eram determinados pelo alcance das batidas do tambor, símbolo máximo da comunidade. O vigoroso grupo de percussão japonês Kodo — que esteve no último fim de semana no Teatro Cultura Artística, em São Paulo, e se apresenta no Teatro Municipal do Rio de Janeiro para duas únicas récitas, hoje e quinta — surgiu há 17 anos, na pequena ilha japonesa de Sado, com a proposta de romper com todas as fronteiras geográficas e culturais, levando o público a uma espécie de comunhão alcançada pelo chamado de seus instrumentos. Ao contrário de seus antepassados, os músicos-dançarinos do Kodo querem desfazer (e não marcar) limites com os trovejos dos seus tambores.

Em busca de uma sintonia absoluta com o ritmo original da natureza, o grupo extrai uma sonoridade estranha aos ouvidos ocidentais, centralizada no *taiko*, espécie primitiva de tambor oriental de membrana animal cuja referência mais antiga remete ao século 5. Da combinação entre os diferentes tipos de *taikos*, tocados com baquetas, com outros instrumentos como o *tsuzumi*, mais estreito e percutido com as mãos, ou o cortante *shamisen*, de três cordas e muito parecido com a balalaica, e flautas, resulta uma sonoridade única, ora de textura muito fina, quase invisível, ora aberta, colorida, espacial.

A primeira apresentação do grupo no Brasil, como parte das comemorações dos 80 anos de imigração japonesa, foi há pouco mais de uma semana, no Teatro São Pedro, em Porto Alegre. Desde aquele dia, o nome Kodo vem ressoando por esses cantos com enorme força. Associados a ele, estão dois ideogramas. O primeiro, *ko*, significa "batida do coração". Para muita gente, o som do grande tambor se assemelha à batida do coração da mãe, percebida no interior do ventre materno. O segundo, *do*, pode ser traduzido como "espírito infantil", e expressa o desejo de tocar o

B



Com muito músculo, habilidade e harmonia própria, os músicos-dançarinos retomam uma tradição secular que, no passado, identificava os limites da aldeia com a distância que os tambores podiam alcançar

tambor da forma mais pura, como o sentimento de uma criança.

Dos 37 integrantes do Kodo, apenas 12 estão no Brasil — 11 músicos-dançarinos e uma bailarina solista. Oi Yoshiaki, diretor do grupo, explica que o tipo de som feito por eles requer também bons músculos, por isso não é de estranhar que a maioria dos seus componentes seja homem. Aliás, a forma atlética exige dos filhos do Kodo uma disciplina muito rigorosa, quase monástica. Em Sado, a 40 quilômetros da ilha principal do Japão, onde vivem, eles acordam às 4h30min da manhã e correm 10 quilômetros por dia. Antenado com o resto do planeta, o grupo, desde sua criação em 1971, já se apresentou com músicos de jazz, como o percussionista americano Max Roach, ou com a Orquestra Sinfônica de Boston. No Brasil, Yoshiaki está mesmo interessado em assimilar o samba. Embora considere "muito difícil" esse tipo de ritmo, ele espera, ansioso, pelo encontro com os sambistas da terra, previsto para ocorrer durante os *workshops* cariocas.

As 11 peças do programa que o Kodo trouxe ao Brasil fazem o coração bater nas frequências mais diversas. Em uma delas, a impressionante *Chonlima*, de Roetsu Tosha, antiga história coreana de um cavalo famoso capaz de correr longas distâncias sem se cansar, quatro membros do Kodo tentam reproduzir, com seus tambores, a velocidade e a pulsação do animal. A platéia, nesse momento, também precisa de fôlego. Já em outra peça, como a suave *Odaiko* (conta a lenda que um bebê, após ouvir o som trovejante do *odaiko*, caiu em sono profundo), dois percussionistas batem em lados opostos do grande tambor (de 400 quilos) chamado *miyadaiko* e envolvem o público numa enorme sensação de tranqüilidade. O Kodo quer repetir a vida.

■ O grupo de percussão japonês Kodo estará, a partir das 15h de amanhã, na Casa de Rui Barbosa (rua São Clemente, 134) para *workshop* com músicos brasileiros. A entrada é franca e os organizadores avisam que os músicos devem levar os seus próprios instrumentos.

